

VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI – A INTIMIDADE DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

*Gabriel Rodrigues Soares**

VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI. Direção: Ken Loach. Jinjin Pictures, Wild Bunch, BBC Films, BFI. 2019. 100 min.

Os reflexos da precarização do trabalho dominam a pauta de profundas pesquisas desenvolvidas em diversos ramos das ciências humanas. Exaurimento físico e psíquico de trabalhadores; realocação do risco da atividade econômica; efeitos colaterais ao custeio e à prestação da seguridade social; dentre outros; compõem estatísticas submetidas à análise – objetiva e externa – da academia.

Esse distanciamento entre o espectador/analista e o trabalhador precarizado é rompido na obra *Você Não Estava Aqui* (*Sorry We Missed You*) do direito britânico Ken Loach. No filme, a abstrata nomenclatura “precarização do trabalho” é personificada na figura do personagem Ricky Turner – e sua família.

Ricky é um escocês que, após perambular por inúmeras profissões (de pe-dreiro a coveiro), decide aderir a uma oportunidade de ouro: ser dono do próprio negócio, prestando serviços a uma empresa de entrega.

Na entrevista, o patrão contratante é claro: o protagonista não trabalhará *para* a empresa, mas *com* esta: “Mestre do seu próprio destino, Ricky.”. Ao questionar se, entre as alternâncias de trabalho, Ricky já teria recebido seguro-desemprego, a negativa do entrevistado é contundente: “Não, não. Tenho meu orgulho. Prefiro passar fome!” “Música para meus ouvidos”. Negócio fechado.

Todavia, a oportunidade não se desenvolve de forma tão atrativa quanto o esperado. Para compensar os gastos com multas de trânsito e entregas direcionadas a locais inabitados (claro, com os custos a cargo do prestador de serviços autônomo), a jornada de trabalho se inicia nas primeiras horas da manhã e se estende até depois das nove horas da noite.

*Bacharel em Direito pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: soares.gabriel.adv@gmail.com.

Justificativa: A obra é de grande valia para a reflexão acerca da precarização do trabalho, na medida em que insere o espectador na dinâmica de uma família profundamente impactada por esse crescente fenômeno global.

Em segundo plano, a rotina profissional da esposa de Ricky é igualmente afetada. Cuidadora domiciliar de vários clientes idosos e com deficiência, Abbie Turner tem de se desdobrar para atender a todos os agendamentos do dia via transporte público – o carro da família teve de ser vendido para a compra da van de entregas (a outra alternativa seria o aluguel do veículo, fornecido pela própria empresa). Em mais de uma oportunidade, clientes e passageiros de ônibus são confidentes das aflições externadas por Abbie.

É precisamente neste ponto que reside a maestria do filme. Ken Loach posiciona o espectador no banco do carona, ao lado de um pai de família desesperado com o esgotamento do tempo de uma entrega, e a conseqüente perda do pagamento; na parada de ônibus em que uma mãe, entre soluços, explica a uma estranha a injustiça de perder mais um dia de folga junto de sua família; na cama do casal que, vencido pelo cansaço, adia mais uma vez o sexo em troca do descanso mínimo; na rotina de criação da filha mais nova, pautada predominantemente por ligações telefônicas em meio a intervalos de serviço; e nos problemas sociais e escolares manifestados pelo filho mais velho, como conseqüência da (inevitável) indisponibilidade parental.

Ao receber o comunicado de iminente desligamento escolar do filho, motivado por reiteradas faltas, Ricky decide tirar uma semana de folga para a resolução dos problemas familiares. Após a infrutífera busca por substituto perante todos os seus colegas, o protagonista decide solicitar a folga à empresa, a qual, por zelo aos termos contratuais, apresenta uma proposta inegociável: pagamento de £ 100,00 (cem libras) por um dia de afastamento. O filho de Ricky é posteriormente detido por furto, sendo o pai requisitado a comparecer à delegacia durante o horário de expediente. Pela injustificável ausência ao serviço, Ricky recebe uma sanção de advertência da franqueadora.

Digna de nota é a performance da atriz mirim Katie Proctor no papel de Liza Turner, filha mais nova do casal. Impossível não se deixar levar pelo carisma da personagem de onze anos, a qual, em meio a sorrisos, acompanha o pai durante um sábado de entregas. Em um dos expoentes do filme, o encarregado da empresa adverte Ricky de que a prática viola as normas da companhia, ao que o protagonista rebate em tom de sincera surpresa: “É minha van. Meu seguro. Minha filha. Pensei que fosse meu negócio.” “Mas é nossa franquia, entende?”.

O trágico final é, à luz do acervo acadêmico mencionado na introdução, previsível. Um sonolento Ricky estaciona embaixo de um viaduto no qual é roubado, espancado e tem o inteiro conteúdo de uma garrafa, utilizada para urinar entre entre-

gas, despejado sobre si. Ainda na fila de um pronto socorro lotado, Ricky recebe o telefonema da empresa: está tudo bem, o seguro cobrirá as mercadorias roubadas – todavia, os equipamentos da franquia, no valor de £ 1.500,00 (mil e quinhentas libras), devem ser pagos por Ricky. Mas não se preocupe, podemos parcelar!

O filme encerra com uma cena desoladora: contra os gritos de desespero da família à calçada, nosso protagonista, manco, com um olho roxo e a mão enfaixada, entra na van para iniciar mais um dia de entregas. O lema de Sansão, personagem de George Orwell em *A Revolução dos Bichos*, confere digno desfecho às reflexões proporcionadas por *Você Não Estava Aqui*: “Trabalharei mais ainda”.